P&G COMMUNICATION & INFORMATION

Ferdinando Frega — Nando the Scribe



Gillettenarrative.com

P&G: COMUNICAÇÃO & INFORMAÇÃO

INFORMAÇÃO

Os primeiros a comunicar foram homens primitivos sem roupa. Os primeiros a informar foram homens primitivos com roupa, e uma carteira de imprensa.

Homens primitivos do mesmo jeito. Nada mudou. Só que os primeiros tinham de sobreviver à vida, enquanto os segundos ganham a vida trazendo os sobreviventes de volta à vida.

Mas não há tempo para discussões ou críticas — são atividades que nunca pratiquei.

O que eu gostaria de fazer é contar, por meio de histórias, a diferença antropológica entre as duas.

A primeira forma verdadeira de comunicação — e aqui todo mundo vai pular da cadeira — é o silêncio.

Antes da palavra, antes da voz, antes do gesto, antes da postura, a prática do silêncio sempre mediu a inteligência de uma pessoa pela sua capacidade de processar e decidir — nunca o contrário.

E os homens, reunidos, ficaram em silêncio, olhando as estrelas, o abstrato, o imaginado — até que, de longe, um grupo de mulheres, certas de que estavam sozinhas, começou a conversar entre si: vozes baixas, tom controlado, ritmo controlado, uma cadência ordenada, cada palavra posta com cuidado. Mulher é assim.

Mas a primeira lição que o silêncio deixou à humanidade não é uma espécie de reserva interior — é um método, uma última fronteira dentro de todo espaço onde se tomam as decisões de verdade.

Ainda assim, o barulho dentro do silêncio é exatamente o que nunca falta: ele vem de dentro e é emocional, cognitivo, lógico e racional, instintivo e afetivo, tudo ao mesmo tempo.

E aqui, as únicas realmente capazes de lidar com ele continuam sendo, como sempre, as mulheres — tão completas, tão funcionais, que a elas também foi dada a tarefa de levar adiante a reprodução humana. (Em outros campos — o biológico, o celular — também há machos que dão à luz. Mas esse é outro tipo de comunicação.)

Quanto a todo o resto que não tratei aqui, deixo à experiência de cada um — essa é a melhor parte do que somos.

A informação me lembra uma brincadeira de quando éramos crianças: todo mundo em roda, o primeiro cochicha uma palavra no ouvido do seguinte, e ela segue pela fila, passando por doze pessoas. O que saía na outra ponta costumava ser uma explosão de gargalhadas.

A brincadeira podia funcionar com uma única palavra ou com uma frase inteira, e era isto que acontecia:

Comece com VAI VIVER e, doze passagens depois, a palavra que saía na outra ponta era VAI MORRER.

Comece com uma frase como TODOS NÓS SABÍAMOS QUE ELE IA VIVER e, doze passagens depois, ela voltava como TODO MUNDO SABIA QUE ELE ESTAVA MORTO, ENTERRO MARCADO PARA O DIA 12 ÀS 12H. Hahahaha.

É exatamente assim que eu vejo a mídia movimentar a informação hoje — a mesma frase de abertura de uma notícia é contada de um jeito diferente por um veículo depois do outro. O que achávamos que era brincadeira de criança é, na verdade, a amarga verdade sobre uma indústria da informação em que já não há diferença entre uma banca de jornal e uma redação.

No fim, as duas coisas têm um único fio em comum — são ambas filhas da mesma origem primitiva. Basta olhar como as pessoas se vestem.

Boa leitura.

Ferdinando